

Arqueologias de Império

Delfim Leão, José Augusto Ramos,
Nuno Simões Rodrigues (coords.)

**A QUEDA DA BABILÓNIA EM 539 A.C.
NABÓNIDO E CIRO: DUAS ATITUDES DIVERGENTES FACE AO
CULTO DO DEUS MARDUK¹
(The fall of Babylon in 539 BC. Nabonidus and Cyrus: two different
approaches to the cult of god Marduk)**

MARIA DE FÁTIMA ROSA
(frosa@fcsh.unl.pt; ORCID: 0000-0003-2302-7751)
Universidade Nova de Lisboa, CHAM; Universidade dos Açores

RESUMO - Partindo da análise de algumas fontes cuneiformes, este breve estudo pretende explorar os diferentes comportamentos de Nabónido e de Ciro face ao culto do deus Marduk. As suas atitudes suscitam importantes questões, tais como: Qual teria sido o peso da ação dos dois soberanos, no domínio religioso, na queda da Babilónia, em 539 a.C.? De que modo e em que campos se joga a «propaganda» político-religiosa efetuada pelo monarca aqueménida? São questões como estas que pretendemos estudar neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Marduk; Nabónido; Sín; Ciro II; Babilónia.

ABSTRACT – Through the analysis of some important cuneiform sources, this brief study intends to explore the different attitudes of Nabonidus and Cyrus in relation to the cult of god Marduk. In fact, some important questions arise: What was the weight of the action of the two sovereigns in the religious domain, with the progressive distancing of Nabonidus from the clergy of the «national» god, in the fall of Babylon at the hands of a Persian dynasty? In what way did the Achaemenid monarch construct his political and religious «propaganda»? These are the questions that we intend to study in this article.

KEYWORDS: Marduk; Nabonidus; Sin; Cyrus II; Babylon.

Segundo relata o *Cilindro de Ciro*, na origem da queda da Babilónia esteve uma ordem dada pelo deus Marduk ao imperador persa no sentido de conquistar a cidade. O deus tutelar da Babilónia pretendia punir o rei Nabónido pelo seu desrespeito pelo culto. Para tal, Marduk ordenara a Ciro que marchasse sobre a cidade e com ele partira para a batalha «como um verdadeiro amigo»².

As fontes cuneiformes denotam um contraste entre as atitudes políticas e religiosas de Ciro, imperador persa, e de Nabónido, último soberano do período

¹ Abreviaturas usadas: *AJA* – *American Journal of Archaeology*; *ANET* – *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*; *ETCSL* – *Electronic Text Corpus of Sumerian Literature*; *JNES* – *Journal of Near Eastern Studies*.

² *ANET* 315.

A queda da Babilónia em 539 a.C. Nabónido e Ciro:
duas atitudes divergentes face ao culto do deus Marduk

neobabilónico. Enquanto o primeiro é retratado como um monarca justo e temente aos deuses, o segundo demarca-se pela sua conduta imprópria e pela sua impiedade. Este contraste dever-se-á ao facto de a grande maioria das fontes de que dispomos datar de um período posterior à tomada da cidade. Logo, é possível que muitas tenham sido escritas por instigação do próprio Ciro³. No entanto, tudo aponta para que as reformas religiosas levadas a cabo por Nabónido e a sua prolongada ausência da capital tenham levado a um crescente descontentamento da população. Assim, ao entrar na Babilónia, Ciro pôde aproveitar este descontentamento para se apresentar perante os seus habitantes como um verdadeiro libertador. O discurso de Ciro pretendia certamente angariar uma base de apoio local que lhe permitisse proceder a uma integração segura da Babilónia no império persa.

A mensagem ideológica era simples: Marduk retirara o poder a Nabónido e outorgara-o a Ciro porque ele era, ao contrário daquele, bondoso para a sua população.

1. A GLÓRIA E O ESPLENDOR DA BABILÓNIA

Nabónido sobe ao poder em 556 a.C., após uma conjura. À data, a Babilónia era uma das maiores e mais esplendorosas cidades do mundo antigo, em grande parte devido aos trabalhos de reconstrução e de embelezamento levados a cabo por Nabucodonosor II. Respeitada e enaltecida, a cidade constituía o centro político de um extenso território. Na sua arquitetura monumental, transparecia toda a grandeza e majestade do poder real.

Estima-se que a sua população rondasse os 100.000 habitantes. Na *urbe*, conviviam não só babilónios como também habitantes de outras partes do império e até mesmo estrangeiros. A sua heterogeneidade devia-se, em grande medida, às várias vagas de deportações ocorridas em anos anteriores. A colónia judaica que aí se estabeleceu como resultado das deportações levadas a cabo em 598 a.C. e em 587 a.C. é um exemplo desta situação. O poder exercido pelo rei sobre uma população tão diversificada necessitava de meios que assegurassem e justificassem a sua legitimidade. Ora, na Mesopotâmia, essa legitimidade vinha sempre «de cima»⁴; eram os deuses que a concediam.

É na segunda metade do segundo milénio a.C. que o deus tutelar da Babilónia, Marduk, ascende ao cume do panteão sumério-acádico⁵. Data desta altura a redação da epopeia de criação designada *enûma eliš*. O texto descreve a vitória de Marduk sobre o *caos* e a sua conseqüente nomeação como chefe supremo

³ Beaulieu 1993, 244 e Briant 1998, 50.

⁴ Conta o relato sumério do dilúvio que «a realeza desceu dos céus» (ETCSL 1.7.4).

⁵ Charpin 2003, 114, n. 1.

(como «rei dos deuses») pela assembleia divina⁶. Através da contenção do *caos*, imaginado como uma imensa massa de água⁷, Marduk permitira a ordenação do mundo e a criação da humanidade. A Babilónia fora então construída como o seu santuário, no centro do mundo⁸, passando a assumir um papel fundamental na organização e estruturação do universo. Ora, segundo a ideologia babilónica, para governar os destinos da população deste universo, as divindades teriam designado um lugar-tenente, um representante de Marduk na terra. No período em questão, esse representante era Nabónido. Como facilmente se depreende, o que os deuses haviam concedido, prontamente poderiam retirar, caso aquele que por eles fora escolhido para assumir a realeza não desempenhasse condignamente a sua missão.

O culto do deus Marduk compreendia simultaneamente três vertentes distintas: o culto da cidade da Babilónia, o culto do país da Babilónia (uma espécie de culto nacional) e o culto da realeza. A celebração mais importante ocorria anualmente, no mês de *nisannu*, e durava cerca de 12 dias. Durante as cerimónias, o poema *enûma eliš* era recitado e recriado, lembrando a ameaça que pendia sobre a população: caso Marduk decidisse retirar a sua proteção ao rei e à população, o mundo mergulharia novamente no *caos*.

O primeiro aspeto que podemos destacar entre as acusações de que Nabónido é alvo é precisamente o facto de o soberano ter cessado as celebrações. Segundo consta na *Narrativa em Verso de Nabónido*, o monarca terá declarado: «Eu omitirei (todos) os festivais, eu ordenarei (até) a cessação da festa do Ano Novo»⁹.

2. O CULTO DO DEUS MARDUK E A FESTA DO ANO NOVO (AKĪTU)

No início do seu reinado, Nabónido terá abandonado a capital, deixando o governo da cidade entregue ao seu filho, Bêl-šarra-ušur (conhecido como Baltasar por intermédio do relato vetero-testamentário). O soberano ter-se-á instalado no oásis de Teima, localizado no nordeste da península arábica¹⁰. A ausência do soberano impedia a realização da cerimónia do Ano Novo. Como referimos, a festa não celebrava apenas a entronização de Marduk; a delegação dos seus poderes ao rei era um dos aspetos mais importantes da celebração. Era esta espécie de acordo, esta *aliança* entre Marduk e o soberano, que o *akītu*, como se denominava em acádico, celebrava. A renovação anual da *aliança* possibilitava

⁶ Proclamação que culmina com a atribuição dos seus cinquenta nomes (nas tabuinhas VI e VII).

⁷ Personificada na epopeia pela deusa Tiâmat, que assume, no combate cósmico, a forma de uma serpente.

⁸ Esta ideia transporece no conhecido mapa-mundo babilónico, em exposição no museu britânico.

⁹ Texto naturalmente exagerado para denegrir a imagem do rei (*ANET* 313).

¹⁰ O rei terá permanecido em Teima 10 anos (*ANET* 562), provavelmente de 553 a.C. a 542 a.C.

A queda da Babilónia em 539 a.C. Nabónido e Ciro:
duas atitudes divergentes face ao culto do deus Marduk

ao rei consolidar o seu poder e permitia à Babilónia manter a sua proteção divina. Para além disto, esperava-se que através dos rituais e das preces que então tinham lugar, os deuses pudessem propiciar boas colheitas e proporcionar um bom ano agrícola. Podemos dizer que diferentes correntes de pensamento convergiam no *akītu*: para além da componente política e cosmogónica, segundo a qual se recriava o combate cósmico entre a ordem (personificada por Marduk) e o *caos*, a celebração contemplava aspetos mais ligados aos ciclos da natureza e à fertilidade.

Descurando o *akītu*, Nabónido arriscava perder o favoritismo que o deus lhe concedera e mergulhar o mundo no *caos*, na desordem. Com efeito, segundo conta o *Cilindro de Ciro*, fora precisamente devido à sua constante negligência e ao seu desrespeito pelo culto que a população ficara como «morta»¹¹. As ações de Nabónido teriam levado Marduk a abandonar a região¹².

A importância política do *akītu* não era negligenciável. Senão, vejamos. Conforme conta a *Crónica de Nabónido*, durante repetidos anos «o rei não veio à Babilónia [para as cerimónias do mês de *nisannu*]; o deus Nabû não veio à Babilónia, o deus Bêl¹³ não saiu (do Esagila em procissão), a fes[ta do Ano Novo foi omitida]»¹⁴. Um dos momentos principais das celebrações ocorria quando a estátua de Marduk era transportada numa procissão de grandes dimensões desde o seu templo, o Esagila¹⁵, até ao chamado templo do *akītu*, localizado no exterior da cidade¹⁶. Para a cerimónia, chegavam à capital diversas divindades¹⁷, que participavam no cortejo liderado por Marduk. A um nível cosmológico, podemos interpretar estas deslocações como a necessidade das divindades confirmarem presencialmente a sua lealdade ao deus-rei, Marduk¹⁸. Já a um nível político, a presença dos deuses tutelares das várias partes do território tinha como fim asseverar a sua submissão ao poder central, à Babilónia. No fundo, podemos dizer que o *akītu* era a ocasião em que se exibia todo o poder político da Babilónia. Descuidar o *akītu* e negligenciar o culto de Marduk, deus nacional, significava assim menosprezar a identidade política da Babilónia. De facto, era através das estátuas divinas que participavam na procissão do *akītu* que os cidadãos babilónios e estrangeiros tinham uma noção mais precisa do imenso território sobre o qual a Babilónia reinava¹⁹.

Por fim, referimos que durante a estadia dos deuses no *akītu*, o rei entregava

¹¹ ANET 315.

¹² Ibid.

¹³ Nome pelo qual Marduk é designado nos períodos mais tardios. Significa «senhor».

¹⁴ Ibid. 306.

¹⁵ O Esagila ficava localizado no centro da *urbe*.

¹⁶ Sobre a procissão e todo o cerimonial que a rodeava, veja-se Van de Mieroop 2003, 272.

¹⁷ As estátuas divinas eram transportadas por barco. Na Mesopotâmia, a estátua divina não era uma mera representação da divindade, mas sim o próprio deus.

¹⁸ O motivo principal era a coração de Marduk.

¹⁹ Ibid. 271-72.

doações aos diferentes cultos, esperando obter o apoio divino necessário às suas conquistas militares. Ora, a cessação das celebrações teria certamente pesado na relação entre o soberano e a classe sacerdotal, que se via privada dos donativos que recolhia nesta ocasião. A par desta medida, um conjunto de reformas religiosas levadas a cabo por Nabónido, sobretudo a partir de 553 a.C., viria agudizar o descontentamento do clero em relação ao monarca.

3. O CULTO DE SÎN, DEUS LUNAR

Maior estranheza terá causado o facto de Nabónido, segundo referem alguns textos²⁰, ter transferido a atenção que devia ser dispensada ao deus babilónico para uma outra divindade do panteão sumério-acádico: o deus lunar, Sîn. A devoção a Sîn terá surgido por influência da sua mãe, Adad-guppi, uma mulher consagrada a esta divindade. Um texto gravado numa estela erigida em Harran, local onde Adad-guppi nascera e cumprira as suas funções como sacerdotisa de Sîn, constata a relação de proximidade entre Nabónido e a sua mãe²¹. Não admira, portanto, que Nabónido tenha expressado, desde o início do seu reinado, o desejo de reconstruir o templo do deus em Harran²², projeto que viria a concretizar passados poucos anos²³.

Segundo Nabónido, a ordem de reconstrução do templo fora dada pelo próprio deus: «Sîn²⁴ fez-me ter um sonho e disse o seguinte: “Reconstrói o Ehulhul, o templo de Sîn em Harran, e eu dar-te-ei todos os países”»²⁵. Esta devoção ao

²⁰ Trata-se sobretudo da *Narrativa em Verso de Nabónido*. As inscrições de Nabónido encontradas em Harran parecem evidenciar também esta situação. Contudo, devemos ter em conta que as mesmas se inserem num contexto de culto muito particular, onde Sîn é a figura central.

²¹ Trata-se de uma espécie de autobiografia da mãe de Nabónido. Cf. *ANET* 560-562.

²² Harran era um centro comercial importante, situado no cruzamento das rotas que ligavam a Mesopotâmia à Anatólia. Desde 610 a.C., data que coincide com o afastamento do jugo assírio, o templo encontrava-se em ruínas.

²³ Segundo a visão mais tradicional, os Medos teriam ocupado Harran até 553 a.C., bem como outras regiões da antiga Assíria. No entanto, estudos mais recentes contestam esta ideia. Jursa (2003, 177), com base nas fontes neobabilónicas, indica que a maior parte do território da antiga Assíria caíra sob o domínio babilónico e não Medo, uma visão partilhada também por Liverani (Liverani 2003, 7), que vai mais longe, contestando inclusivamente a noção de um «império medo», tal como o faz, aliás, Rollinger (2009, 51). Segundo Liverani, os medos, que se assemelhavam mais a uma confederação de chefes tribais, teriam ficado apenas com os Zagros, que já haviam sido previamente perdidos pela Assíria. O autor sustenta que «the Medes assumed the dirty job of destruction, while the Babylonians assumed the role of restorers» (ibid.). Para Curtis, «the idea that the Medes were controlling Harrân may have to be abandoned, but it is still significant that they were in this area at least in 555 BC» (Curtis 2003, 166).

²⁴ Uma outra inscrição, gravada numa estela de basalto, alega que quem deu a ordem de reconstrução a Nabónido foi o próprio Marduk (veja-se *ANET* 319).

²⁵ Ibid. 562. Esta iniciativa insere-se, na realidade, num programa mais vasto de reconstruções, na própria Babilónia, que incluíram, por exemplo, o famoso Esagila, o templo de Marduk. Nabónido ficou para a história como o «rei arqueólogo», devido à sua pesquisa, no solo dos edifícios reconstruídos, de depósitos de fundação dos seus antecessores (Roux 1995, 427).

A queda da Babilónia em 539 a.C. Nabónido e Ciro:
duas atitudes divergentes face ao culto do deus Marduk

deus lunar, patente não só na sua dedicação à reconstrução do Ehulhul, como também na sua estadia em Teima, um importante centro de culto do deus lunar, e na nomeação de uma das suas filhas como grande sacerdotisa do deus Sîn em Ur, terá certamente chocado o clero de Marduk. A ligação de Nabónido a Sîn não terá sido bem aceite pela comunidade religiosa.

No rescaldo da conquista da Babilónia surge um texto, já aqui referido, que testemunha o descontentamento face ao monarca devido à sua ligação a Sîn. O documento alega que Nabónido agira de forma inconveniente confecionando a estátua de um deus estranho: «Ele criou um fantasma / [um deus] que ninguém tinha visto [antes] no país. / [...] Ele instalou-o num pedestal / [...] ele chamou-o pelo nome de Nanna²⁶»²⁷. Podemos ter uma ideia mais clara do peso desta conduta imprópria num verso onde se afirma que Nabónido, tendo reconhecido o símbolo do crescente lunar no Esagila, interrogara: «Para quem foi este templo construído?»²⁸. Em resposta, o próprio afirmara: «Sîn assinalou o seu templo com o seu símbolo»²⁹. Como vemos, segundo a visão de uma parte da elite babilónica, Nabónido escolhera menosprezar a importância do seu deus tutelar e dar primazia a um deus que não detinha, no seio do panteão babilónico, à semelhança de Bel³⁰, o lugar cimeiro. Esta atitude desrespeitosa era sobretudo inadequada a um sumo-sacerdote de Marduk, facto que terá contribuído para a formação desta opinião crítica.

Visão muito diferente teria o próprio Nabónido; o rei não só defendia a soberania de Sîn³¹, como acusava a sua população de desrespeitar o culto por ele imposto, o culto do deus que «suplanta todos os outros»³². Vejamos: «os cidadãos da Babilónia, Borsippa, Nippur, Ur, Uruk (e) Larsa, os administradores dos templos (e) as pessoas dos centros de culto do país de Akkad ofenderam a sua (de Sîn) grande divindade, portaram-se mal e *pecaram*, (porque) desconheciam a grande ira do rei dos deuses, Nanna»³³. A impiedade dos cidadãos dos centros políticos e religiosos da Mesopotâmia terá sido o motivo apresentado por Nabónido para justificar a sua saída da capital.

Um último aspeto a ressaltar prende-se com um dos epítetos atribuído por Nabónido a Sîn. Para além de «Crescente Divino», o deus era considerado como o «rei de todos os deuses». Ora, este título referia-se normalmente a Marduk, a

²⁶ Nome sumério de Sîn.

²⁷ Beaulieu 2007, 161-62.

²⁸ Ibid.

²⁹ Ibid.

³⁰ bêl («senhor») é o título atribuído a Marduk a partir do final do segundo milénio, altura em que se torna o deus *par excellence* (Oshima 2007, 348).

³¹ É esta a realidade que transparece na leitura de alguns textos.

³² ANET 563.

³³ Beaulieu 2007, 145.

divindade que o conquistara após derrotar o *caos*. Os babilónios³⁴ conheciam o seu deus nacional como um verdadeiro deus-rei, que ascendera ao topo da soberania divina após o difícil combate que dera origem ao mundo tal como era conhecido. Assim sendo, a titulatura «Sîn, senhor dos deuses do céu e da terra, rei dos deuses, deus(es) dos deuses»³⁵ não poderia senão ter causado uma certa apreensão.

A questão que se coloca é: porquê esta devoção a Sîn? É possível que Nabónido fosse filho de um governador de origem arameia. A sua estadia em Teima, apesar de envolta em grande mistério, deverá ter sobretudo um motivo de ordem religiosa³⁶. Como referimos, Teima era um importante santuário de Sîn e um centro de culto para as populações que veneravam este deus. Ora, Sîn era também adorado entre os arameus e os árabes³⁷. É, por conseguinte, possível que, expressando a sua devoção à divindade, o soberano, também ele um arameu, pretendesse unificar sob a sua hegemonia as diversas populações dispersas pelo território³⁸.

Por outro lado, H. Lewy aponta divergências entre a política seguida por Nabónido e aquela que fora seguida pelos seus antecessores. Segundo o autor, o soberano pretendia governar seguindo a tradição imperial assíria, que preconizava um ideal assente no estabelecimento de um império universal, consagrado não a uma divindade nacionalista, como Marduk, mas sim a um deus universal³⁹.

4. A QUEDA DA BABILÓNIA

Durante a ausência de Nabónido, dão-se novos desenvolvimentos na cena política internacional. Em 550 a.C., Ciro derrota os Medos, tornando-se senhor do maior império que a antiguidade conhecera até então⁴⁰. Embalado pelo sucesso desta conquista, o imperador persa prossegue a sua política expansionista e, dirigindo-se para oeste, anexa várias regiões. De entre estas conquistas, destaca-se a tomada de Urartu, provavelmente em 547 a.C.⁴¹, e da Lídia, algures entre

³⁴ Ou, pelo menos, a elite babilónica.

³⁵ Sobre estes títulos, a questão dos epítetos normalmente atribuídos a Marduk e a discussão em torno da designação «deuses dos deuses» (DINGIR.MEŠ ša DINGIR.MEŠ), veja-se Beaulieu 1993, 254.

³⁶ A este, podemos juntar motivos de ordem política. Em Teima, o soberano estava mais perto do Egipto e da Palestina podendo controlar e vigiar melhor estas regiões. Para além disto, Teima estava localizada num local propício ao controlo de certas rotas comerciais, pelo que também podem ter pesado nesta sua deslocação à Arábia motivos de ordem económica.

³⁷ Black – Green 1992, 35.

³⁸ Veja-se Green 1992, 37 e J. Lewy 1948 apud Beaulieu 2007, 163.

³⁹ Sobre a discussão deste assunto, veja-se Lewy 1949 apud Garelli – Nikiprowetzki 1977, 247-48.

⁴⁰ Roux 1995, 429.

⁴¹ Veja-se o estudo de Rollinger (2009) acerca das campanhas de Ciro e a sua interpretação da Crónica de Nabónido.

A queda da Babilónia em 539 a.C. Nabónido e Ciro:
duas atitudes divergentes face ao culto do deus Marduk

545 e 542 a.C.⁴², famosa pela sua riqueza. Estas movimentações, a agitação junto às fronteiras da Babilónia e a traição de alguns dos seus aliados⁴³ poderão ter precipitado o regresso do monarca à capital.

De facto, na véspera da queda da Babilónia, Nabónido regressa à cidade, retoma a celebração do *akītu* e toma as disposições necessárias com vista à preparação da capital para um possível ataque persa. Um indício em particular elucida-nos sobre este ponto⁴⁴.

Paul-Alain Beaulieu relacionou o facto de Nabónido ordenar a reunião das estátuas dos deuses de Sumer e de Akkad na capital com a sua intenção de evitar que as mesmas fossem capturadas pelo inimigo. A captura da estátua divina por um poder estrangeiro e o seu transporte até ao país conquistador, onde se tornava refém, assinalava a cisão definitiva entre o deus e o seu país. Segundo a lógica de então, esta realidade representava uma atitude da divindade, que escolhia favorecer o país inimigo, castigando assim o seu eleito (o rei) e a sua população.

No relato da *Crónica de Nabónido* relativo ao décimo sétimo e último ano do governo de Nabónido consta o seguinte:

«No mês de ... [Lugal-Marada e os outros deuses] da cidade de Marad, Zababa e os (outros) deuses da cidade de Kiš, a deusa Ninlil [e os outros deuses de] Hursagkalama entraram na Babilónia. Até ao final do mês de Ululu (todos) os deuses de Akkad (...) entraram na Babilónia. Os deuses de Borsippa, Kutha, ... e Sippar (no entanto) não entraram»⁴⁵.

O envio das estátuas para a capital previa dois objetivos: por um lado, Nabónido impedia que estas fossem tomadas pelos persas e, por outro lado, o soberano garantia o apoio dos deuses na esperada batalha. Com a presença das divindades a seu lado, Nabónido teria mais hipóteses de derrotar os persas. Contudo, testemunhos apontam para o facto de nem todos os centros urbanos terem enviado os seus deuses voluntariamente⁴⁶. A contestação a Nabónido era forte. Para além da classe sacerdotal, descontente com as reformas do soberano, os exilados⁴⁷ em território babilónico expressavam o seu apoio crescente a Ciro. É, por conseguinte, possível que se tenha formado uma opinião pró-persa que veria mais benefícios na chegada de Ciro do que na continuação das políticas de Nabónido.

⁴² Não se sabe ao certo a data desta conquista; é possível que se situe entre 545 e 542 a.C., ou até mesmo após a tomada da Babilónia (ibid. 56, n. 23).

⁴³ É o caso do governador dos gútijs, Gobias, que se teria aliado a Ciro.

⁴⁴ Sobre este assunto, veja-se o estudo de Beaulieu 1993.

⁴⁵ *ANET* 306.

⁴⁶ Op. cit. Beaulieu 1993, 257.

⁴⁷ Visão patente no Livro de Isaías.

Todavia, a investida final contra a Babilónia não terá partido de uma ação voluntária de Ciro. Com efeito, o imperador alega ter agido sob a ordem do deus Marduk: «(Marduk) ordenou-lhe que marchasse contra a cidade da Babilónia»⁴⁸. É o deus nacional quem decide retirar o seu favor a Nabónido e, desta forma, destronar o rei que «não o adorava»⁴⁹. Para tal, Marduk escolhera um substituto, um soberano que, ao contrário daquele, era justo e piedoso. A escolha de Marduk fora metódica e cuidada. A divindade «examinou todos os países, procurando um governante justo que estivesse disposto a levá-lo (na procissão anual)»⁵⁰. É aqui que Ciro coloca a tónica do seu discurso, isto é, no respeito pela celebração do *akītu*. A política persa passa por apresentar Ciro como um legítimo sucessor dos reis nacionais e como o restaurador do culto de Marduk. Ciro não é apenas outro soberano, mas sim aquele que fora escolhido por estar disposto a liderar Marduk na procissão.

A concentração das estátuas na capital, evento acima referido, constitui um dos episódios em que Ciro baseia a sua «propaganda». Segundo o imperador persa, Nabónido não protegera os deuses. Muito pelo contrário, o soberano tê-los-ia aprisionado na capital, contra a sua vontade, deixando as cidades desprotegidas e abertas a possíveis ameaças. Fora Ciro quem, uma vez chegado à capital, ordenara o regresso das estátuas às suas capelas: «Eu recoloquei, segundo a ordem de Marduk, o grande senhor, todos os deuses de Sumer e de Akkad, que Nabónido tinha trazido para a Babilónia, para ira do senhor dos deuses, intactos, nos seus santuários, os lugares que os fazem felizes»⁵¹. O ato de Ciro toma o sentido de uma libertação. A sua chegada à Babilónia simboliza simultaneamente a libertação da população (que, relembramos, estava «como morta») e a libertação dos deuses, que se teriam visto livres para regressarem às suas moradas.

Segundo consta, Ciro terá permitido o restabelecimento dos antigos cultos⁵² e ordenado inclusivamente o incremento «das oferendas regulares ao senhor dos senhores»⁵³, Marduk. O governo de Ciro seria marcado pelo respeito pelos costumes religiosos. Através desta política de tolerância, o imperador terá conquistado o apoio da população local.

⁴⁸ ANET 315.

⁴⁹ Ibid. 316.

⁵⁰ Ibid. 315.

⁵¹ Ibid. 316.

⁵² A visão segundo a qual Ciro seria um apóstolo da tolerância deve ser revista. De facto, Ciro atua, em vários aspetos, como muitos dos seus antecessores assírios, que terão permitido o retorno de exilados e conferido privilégios (*kidinnūtu*) à Babilónia. O discurso de Ciro no seu famoso cilindro é, aliás, bastante semelhante a algumas inscrições de Sargão II. Veja-se, a este propósito, Van der Spek 2014, sobretudo 241-49.

⁵³ Ibid. 315.

A queda da Babilónia em 539 a.C. Nabónido e Ciro:
duas atitudes divergentes face ao culto do deus Marduk

Um ano após a tomada da Babilónia, em 538 a.C., Ciro nomeia o seu filho Cambises como governador da nova unidade administrativa do império persa: a Babilónia⁵⁴. A coroação de Cambises ocorre na festa do Ano Novo, no *akītu*.

⁵⁴ Cambises terá adotado o título de «rei da Babilónia» durante cerca de um ano.

BIBLIOGRAFIA

- Beaulieu, P.-A. 2007. "Nabonidus the mad king: a reconsideration of his stelas from Harran and Babylon." In *Representations of political power: case histories from times of change and dissolving order in the Ancient Near East*, ed. M. Heinz e M. Feldman, 137-66. Winona Lake: Eisenbrauns.
- . 1993. "An episode in the fall of Babylon to the Persians." *JNES* 52 (4):241-61.
- Black, J. A., G. Cunningham, J. Ebelin, E. Flückiger-Hawker, E. Robson, J. Taylor e G. Zólyomi, eds. 1998-2006. *The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature*. Oxford. Em <http://etcsl.orinst.ox.ac.uk>.
- Black, J. e A. Green. 1993. *Gods, demons and symbols of Ancient Mesopotamia*. London: British Museum Press.
- Briant, P. 1998. *Histoire de l'empire perse: De Cyrus à Alexandre*. Paris: Fayard.
- Charpin, D. 2003. *Hammu-rabi de Babylone*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Cook, J. M. 1983. *The Persian Empire*. London: Joseph Malaby Dent.
- Curtis, J. 2003. "The Assyrian heartland in the period 612-539 B.C." In *Continuity of Empire (?): Assyria, Persia, Padua*, ed. G. Lanfranchi, M. Roaf e R. Rollinger, 157-68. Winona Lake: Eisenbrauns.
- Garelli, P. e V. Nikiprowetzki, 1974. *Le Proche-Orient asiatique. Les empires mésopotamiens. Israel*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Green, T. 1992. *The city of the moon god. Religious traditions of Harran*. Leiden: Brill.
- Jursa, M. 2003. "Observations on the Problem of the Median "Empire" on the Basis of Babylonian Sources." In *Continuity of Empire (?): Assyria, Persia, Padua*, ed. G. Lanfranchi, M. Roaf e R. Rollinger, 169-79. Winona Lake: Eisenbrauns.
- Liverani, M. 2003. "The Rise and Fall of Media." In *Continuity of Empire (?): Assyria, Persia, Padua*, ed. G. Lanfranchi, M. Roaf e R. Rollinger, 1-12. Winona Lake: Eisenbrauns.
- Petit, T. 1990. *Satrapes et satrapies dans l'empire achéménide de Cyrus le Grand à Xerxès Ier*. Paris: Les Belles Lettres.
- Pritchard, J. B., ed. 1969, *Ancient Near Eastern texts: relating to the Old Testament*. Princeton: Princeton University Press.
- Rollinger, R. 2009. "The Median "Empire", the End of Urartu and Cyrus' the Great Campaign in 547 B.C. (Nabonidus Chronicle II 16)." *Ancient West & East* 7, 49-63.
- Roux, G. 1995. *La Mésopotamie*. Paris: Éditions du Seuil.

A queda da Babilónia em 539 a.C. Nabónido e Ciro:
duas atitudes divergentes face ao culto do deus Marduk

Santos, A. R. dos. 2003. *A Babilónia dos Caldeus: uma caracterização socioeconómica*. Lisboa: Colibri.

Oshima, T. 2007. "The Babylonian God Marduk." In *The Babylonian World*, ed. G. Leick, 348-60. New York / London: Routledge.

Mierrop, M. Van de. 2003. "Reading Babylon." *AJA* 107:257-75.

Spek, R. J. Van der. 2014. "Cyrus the Great, Exiles, and Foreign Gods: A Comparison of Assyrian and Persian Policies on Subject Nations." In *Extraction & Control. Studies in Honor of Matthew W. Stolper*, ed. M. Kozuh, W. F. M. Henkelman, C. E. Jones e Ch. Woods, 233-64. Chicago: Chicago Oriental Institute.

Waerzeggers, C. 2001. "The Babylonian Priesthood in the Long Sixth Century BC." *Bulletin of the Institute of Classical Studies* 54 (2):59-70.